

**PERSPECTIVAS DISCURSIVAS
DA NARRATIVA DO NASCIMENTO DE JESUS
SOB OLHARES PLURAIIS DE MATEUS E LUCAS**

Zilda Andrade Lourenço dos Santos
zp30@ig.com.br

1. Considerações iniciais

Os textos dos 4 evangelhos no Novo Testamento possuem determinadas diferenças entre suas narrativas e esse fato é estimulante no sentido de se olhar tais aspectos a partir dos fenômenos do ato de linguagem. Consideramos que a análise do discurso, de base enunciativa, possui elementos de grande valor para o enriquecimento de análise do texto bíblico.

O foco de interesse desta pesquisa se volta para as narrativas do nascimento de Jesus, visto que tal história é sempre lembrada na época de natal em nossa cultura, e o texto é passado também através de imagens que contribuem para fixação na memória de quem assiste apresentações, ou mesmo contempla exposições em forma de presépios.

O recorte feito para constituição do *corpus* de análise recaiu sobre os evangelhos de Mateus e Lucas, visto que estes são os únicos que relatam o nascimento de Jesus, e de forma bem diferenciada.

Os objetivos nesta pesquisa se voltam para o enfoque de questões direcionadas para a constituição da cenografia e ethos discursivo na cena de enunciação, através do modo de organização do discurso, na introdução dos relatos dos evangelhos aqui delimitados. Vale ressaltar que Mateus era de origem judaica e Lucas, conforme conclusão de muitos pesquisadores, era da cidade de Antioquia, Síria. Nessa perspectiva, cada autor se posiciona discursivamente, direcionado para seu destinatário, o co-enunciador no ato enunciativo.

Mainueneau considera que o ethos pode ser apreendido tanto no discurso oral quanto no escrito. O texto, embora só escrito, é sustentado por uma ‘voz’, e um ‘corpo enunciante’, e, “a noção de ethos permite, de fato, refletir sobre o processo mais geral da adesão de sujeitos a uma certa posição discursiva” (2005, p. 69). Este autor ainda ressalta que “o texto não é para ser contemplado, ele é enunciação voltada para um co-

enunciador que é necessário mobilizar para fazê-lo aderir ‘fisicamente’ a certo universo de sentido” (2005, p. 73).

Observando-se também as teorias que Charaudeau desenvolve no campo da Análise do Discurso, conclui-se que essas contribuições favorecem a análise dos relatos dos evangelhos, pois este autor aborda, com muita propriedade, questões referentes aos princípios e procedimentos na organização do discurso, relacionados aos modos enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo.

2. *Perspectiva enunciativa do discurso*

Nossa meta é buscar fundamentações teóricas na Análise do Discurso, de base enunciativa, que contribuam para compreensão de questionamentos a respeito das diferenças identificadas no modo de relatar desses evangelistas. Consideramos que AD é detentora de um arcabouço teórico no campo da linguagem que pode fornecer valiosas contribuições.

Buscamos também fundamentos teóricos para comparação dos textos selecionados, em abordagem na qual Charaudeau sustenta que os modos de organização do discurso “constituem os princípios de organização da matéria linguística, princípios que dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante: enunciar, descrever, narrar, argumentar. A organização do discurso se constitui como estratégia “em função da identidade do locutor, da imagem construída de seu interlocutor e do que já foi dito”. Nesse sentido, Charaudeau vislumbra um espaço de estratégias que correspondem às possíveis escolhas que os sujeitos podem fazer da encenação do ato de linguagem (2008, p. 68,76).

O *corpus* delimitado para análise está organizado com textos que compõem os dois primeiros capítulos de Mateus e Lucas, com o objetivo de verificar de que posição discursiva o sujeito narrador se pronuncia, tendo como base a identificação da cenografia e ethos constituídos com recursos dos modos de organização do discurso.

Para formação e montagem do *corpus* selecionado para análise foi privilegiada a Nova Versão Internacional da tradução da Bíblia (2001).

Esta pesquisa enfatiza o modo como os enunciadores dos evangelhos, aqui apontados, constroem a cenografia discursiva nos dois primeiros capítulos, com base em cenas já validadas na memória do leitor a quem eles se dirigem. De acordo com Maingueneau, “A Bíblia, para o

discurso religioso cristão, constitui um reservatório considerável de tais cenas” (2005, p. 81). O repertório disponível para o enunciador é escolhido tendo como alvo o coenunciador.

A noção de cenografia acrescenta ao conceito de ‘cena’ o termo ‘grafia’ e implica tanto um quadro quanto um processo, pois a situação, no interior do qual o discurso é enunciado, é um quadro dinâmico que se situa na filiação de outras enunciações. A partir dessa constatação, fica explícita a importância do papel da intertextualidade.

Tomando essas fundamentações como base para análise, procuramos identificar a intertextualidade que cada evangelista lança mão para construção da cenografia, constituída nos dois primeiros capítulos dos evangelhos em pauta, que progressivamente vai sendo validada pela própria enunciação.

A noção de cenografia favorece a apreensão do ethos, pelo processo em que a enunciação se autolegitima ao instituir um enunciador e um coenunciador, de acordo com um conteúdo desenvolvido no próprio texto.

Ao enunciar, o autor constrói sua própria imagem em função da que ele constrói do leitor, e nesse aspecto, o enunciador se apropria de representações sociais valorizadas pelos seus interlocutores. Nesse sentido, Charaudeau observa que “o ethos relaciona-se ao cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira que ele pensa que o outro o vê” (2006, p. 115).

Retomando concepções aristotélicas sobre ethos na retórica, tanto na demonstração do caráter e costume de uma pessoa ou grupo, como também na constituição do discurso, Maingueneau expõe que por um lado a noção de ethos contribui para identificação da posição discursiva do enunciador, dito e mostrado através do texto, por outro lado, a categoria do ethos discursivo viabiliza a possibilidade de identificação do modo como a cenografia coloca em evidência o próprio texto que a constrói. Nessa abordagem, o ethos é integrante da cena de enunciação que valida o discurso, sendo ao mesmo tempo validado por ela (2005, p. 69).

Quanto aos modos da organização do discurso, Charaudeau destaca que o texto é evidenciado como “manifestação material da encenação de um ato de comunicação” (2008, p. 153 e 77). Nesses termos, os modos de organização do discurso podem entrelaçar-se na produção do texto, sendo que cada um tem uma funcionalidade diferenciada. Vale ressal-

tar que um modo pode ser o condutor do texto, alocando os outros modos, ou mesmo ter sua função como complementaridade.

Os modos de organização mencionados são concebidos como: enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo, lembrando que o modo enunciativo é caracterizado por uma função de predominância na organização do discurso, pois é a partir dele que se estabelece a posição do locutor em relação a si mesmo e ao interlocutor, resultando na determinação da encenação dos modos descritivo, narrativo e argumentativo (CHARAUDEAU, 2008, p. 68, 64).

3. *Posição discursiva de Mateus na cena enunciativa*

Na abertura do livro de Mateus percebe-se o modo enunciativo de organização do discurso, construído a partir de uma enunciação delocutiva, em que o locutor se apaga de seu ato locutivo e traz para a enunciação outras vozes através de um reservatório histórico, na identificação das raízes de um povo, sendo articulado pela encenação descritiva. Combinado ao enunciativo se observa o *modo descritivo* na encenação do primeiro capítulo, que introduz o livro de Mateus com o recurso da genealogia para nomear os componentes da árvore genealógica do povo judeu, a partir de Abraão, pai da nação, até Jesus.

Registro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão (MATEUS, 1:1)

No enunciado introdutório, o uso da palavra *filho* não assume o sentido de ligação carnal direta entre pai e filho, mas uma concepção histórica de ligação de gerações. Assim, identificamos que nessa situação de comunicação a palavra *filho* adquire sentido específico de *descendente*. Através da descrição da origem de Jesus, na apresentação do enunciador há o reconhecimento da identidade judaica dele, apontando para sua ligação com a linhagem real de Davi, de forma regressiva, culminando com a origem em Abraão. No entanto, o enunciador cria uma forma de organização diferenciada das genealogias encontradas no Velho Testamento. A partir dessas constatações, observamos que nesta cena de enunciação o *modo descrever* está intimamente ligado ao *modo argumentar*, pois o enunciador lança mão de operações lógicas para causar efeitos de sentidos. A descrição é finalizada com a seguinte organização:

... e Jacó gerou José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que é chamado Cristo. Assim, ao todo houve catorze gerações de Abraão a Davi, catorze de

Davi até o exílio na Babilônia, e catorze do exílio até o Cristo. (MATEUS, 1:16,17).

Ao mesmo tempo que o enunciador reconhece Jesus como judeu, se coloca também, implicitamente, como o próprio judeu conhecedor da história do povo a quem ele se dirige.

Foi assim o nascimento de Jesus Cristo: Maria, sua mãe, estava prometida em casamento a José, mas, antes que se unissem, achou-se grávida pelo Espírito Santo (MATEUS, 1:18).

Mudando para encenação narrativa, o enunciador desempenha o papel de testemunha que narra, levando o leitor a descobrir “um mundo que é construído no desenvolver de uma sucessão de ações que se influenciam uma às outras e se transformam num encadeamento progressivo” (CHARADEAU, 2008, p. 157).

O começo da narrativa é marcado pela expressão ‘*Foi assim*’, caracterizando a sucessão como um tipo de encadeamento em que as sequências se sucedem de maneira linear e consecutiva, cada uma constituindo o motivo que engendra a seguinte.

A interligação das três gerações, evocada pelo enunciador como estratégia discursiva, é reforçada através do discurso relatado, em que a voz do anjo assim é citada, em forma de discurso direto, como sinal de uma autoridade sobrenatural.

...apareceu-lhe um anjo do Senhor em sonho e disse: José, filho de Davi, não tema receber a Maria sua mulher, pois o que nela foi gerado procede do Espírito Santo (MATEUS, 1:20).

O enunciador reporta a voz do anjo, que designa José como *filho de Davi*, portador de uma missão especial de ligação com a tribo de Judá. Pela autoridade da voz do anjo há a declaração que Jesus foi concebido pelo Espírito Santo, e faz remissão ao texto de Isaias 7:14, profeta de grande valor na composição histórica dos livros integrantes do Tanach,¹ na cultura judaica, a fundamentação de base da promessa:

Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor dissera pelo profeta: “A virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e lhe chamarão Emanuel” que significa ‘Deus conosco’ (MATEUS, 1:22,23).

¹ Tanach é a Bíblia Hebraica – já se encontra tradução em português – equivale aos livros canônicos do Velho Testamento.

Com essa citação, no intertexto com livro de Isaias, fica demonstrada a força argumentativa de convencimento para que José recebesse Maria como sua esposa. Nessa perspectiva, Berger comenta: “...quando um texto bíblico é citado, isso não ocorre para honrar o texto passado, mas para articular e formular com ele aquilo que está acontecendo na nova situação” (BERGER, 2004, p. 261).

Na narrativa de Mateus, identificamos o estatuto de narrador, que de acordo com as concepções de Charaudeau, conta a história em terceira pessoa, *princípio da delocutividade*, mostrando-se como um observador dos acontecimentos (2008, p.194, 195)

Depois que Jesus nasceu em Belém da Judéia, nos dias do rei Herodes, magos vindos do oriente chegaram a Jerusalém e perguntaram: Onde está o recém-nascido rei dos judeus? Vimos a sua estrela no oriente e viemos adorá-lo (MATEUS, 2:1).

Neste relato não há informações detalhadas do nascimento de Jesus como no de Lucas, somente é feita uma menção ao nascimento, e a riqueza de detalhes está dirigida para a história dos magos do oriente. O advérbio *Depois*, como situação no tempo, dá efeito de início da sucessão histórica. Mateus é único no relato da história dos magos, buscando intensificar a importância de Jesus para o povo judaico, reportando a pergunta dos magos: *Onde está aquele que é nascido rei dos judeus?* O advérbio de lugar ‘*Onde*’ no início da pergunta serve como estratégia argumentativa para apontar Belém como lugar do nascimento de Jesus, em cumprimento da profecia e aliança de Deus feita com Davi.

A posição discursiva do enunciador que fala como judeu para judeu, evoca sentidos que podem ser apreendidos através da intertextualidade (o que é dito) e pela interdiscursividade (o que não é dito), e que também contribuem para apreensão do ethos. Charaudeau alega que o sentido se “constrói na confluência entre o *dito* e o *não dito* (o explícito e o implícito)” (2008, p. 13).

A apreensão do ethos na narrativa de Mateus identifica um enunciador que recorre à tradição judaica na construção de sentidos, para revelação do cumprimento da promessa da vinda do messias. O enunciador procura adaptar a imagem de si mesmo aos esquemas coletivos que ele acredita estarem interiorizados e serem valorizados por seu público alvo.

A intertextualidade, na abertura do livro de Mateus, através da genealogia, constrói a cenografia de *arquivo* que contém registros históricos. Esse procedimento remete o interlocutor ao livro de Êxodo que

começa também com a genealogia dos filhos de Jacó e se segue com a narrativa do nascimento de Moisés. A palavra *Registro* caracteriza a motivação que impulsiona o narrador, isto é, a busca da origem através de registros históricos. Para o judeu, conhecer a procedência de alguém significa reconhecer seus direitos.

A cenografia discursiva de *arquivo de registros* que vai sendo construída a partir da genealogia na introdução, serve como link entre Velho e Novo Testamento. Através do intertexto com os registros dos textos sagrados da cultura judaica, a cenografia se constitui como processo que vai se validando a cada cena.

Ao introduzir o livro, na intertextualidade com as origens do povo hebreu, o leitor-modelo fica evidenciado na figura dos judaizantes. Assim, o enunciador focaliza nessa parte introdutória a figura de José como o link nessa história que interliga Jesus com a tribo de Judá, raiz de Davi, parte integrante da história messiânica do povo judeu. Inicia o capítulo apresentando a ligação aos personagens principais da história do povo: Davi e Abraão. A legitimação recíproca entre a cenografia e sua enunciação passa pela legitimação do ethos, em que no discurso o enunciador está construindo sua imagem de judeu que fala aos judeus, pois não basta-lhe apresentar imagem de judeu, é preciso que fale como tal, e vale ressaltar que o contexto histórico era o do Império Romano.

4. *Posição discursiva de Lucas*

A narrativa de Lucas é introduzida com o modo de organização enunciativo, com uma combinação de enunciação elocutiva e alocutiva, evidenciadas pelas marcas dos pronomes pessoais EU, revelando o ponto de vista do locutor, e o TU, demonstrando uma relação de influência entre locutor e interlocutor.

Muitos já se dedicaram a elaborar um relato dos fatos que se cumpriram entre nós, conforme nos foram transmitidos por aqueles que desde o início foram testemunhas oculares e servos da palavra. Eu mesmo investiguei tudo cuidadosamente, desde o começo, e decidi escrever-te um relato ordenado, ó excelentíssimo Teófilo, para que tenhas a certeza das coisas que te foram ensinadas (LUCAS, 1: 1- 4).

Na enunciação elocutiva, o narrador se coloca inicialmente como um ‘*nós*’ inclusivo, entre os *muitos que se dedicaram a elaborar um relato dos fatos*. Logo a seguir, como um investigador cuidadoso faz uma declaração afirmando: ‘*Eu mesmo investiguei tudo cuidadosamente*’. De

acordo com essa perspectiva, “o locutor se limita a *declarar verdadeiro* um saber que ele supõe constituir uma dúvida para o interlocutor; ele se atribui, com isso, uma *posição de autoridade*” (CHARAUDEAU, 2008, p. 98). Nesta situação, o interlocutor somente é testemunha da *declaração* do locutor. Modalidades elocutivas como opinião, saber, organização, entre outras, podem contribuir para construção do ethos no ato enunciativo.

Na enunciação alocutiva, o papel do locutor é o de realizar uma proposta que estabeleça com seu enunciado uma ação a realizar: ‘*e decidi escrever-te um relato ordenado, ó excelentíssimo Teófilo, para que tenhas a certeza das coisas que te foram ensinadas*’. O locutor se oferece a realizar a ação em benefício do interlocutor, e atribui a si uma posição de ‘poder fazer’, já que é ele quem faz a oferta. (CHARAUDEAU, 2008, p. 89).

Após esta introdução, o narrador em primeira pessoa desaparece, abrindo espaço para uma enunciação delocutiva, em que a história é narrada em terceira pessoa, até o final do livro. O enunciador traz a voz da verdade para a ordenação histórica a que propôs. Passa a narrar como historiador que realizou pesquisa detalhada sobre a história de Jesus. A partir de então, o narrador desempenha o papel de uma testemunha que está em contato direto com aqueles que viram e ouviram Jesus, personagem principal, pois assim se expressa: *conforme nos foram transmitidos por aqueles que desde o início foram testemunhas oculares e servos da palavra*.

A organização do discurso se apresenta nos planos narrativo, descritivo e argumentativo, sendo que, alternadamente, um justifica o outro ora contando o fato ora testemunhando uma experiência, ora descrevendo para identificar e qualificar os seres, ora argumentando para demonstrar relações.

No tempo de Herodes, rei da Judéia, havia um sacerdote chamado Zacarias, que pertencia ao grupo sacerdotal de Abias; Isabel, sua mulher, também era descendente de Arão. Ambos eram justos aos olhos de Deus, obedecendo de modo irrepreensível a todos os mandamentos e preceitos do Senhor. Mas eles não tinham filhos, porque Isabel era estéril; e ambos eram de idade avançada (LUCAS, 1: 4-7).

A função de abertura do modo narrativo identificada em: ‘*No tempo de Herodes, rei da Judéia, havia um sacerdote chamado Zacarias*’ permite a sucessão das ações em sequência motivada, recaindo no princípio de intencionalidade. Dessa forma, a organização do modo narrativo

introduz um encadeamento que permite situar a narrativa do nascimento de João Batista, e consequentemente o de Jesus. Também, a expressão ‘*No tempo do rei Herodes*’ tem o efeito de fornecer um enquadre espaço-temporal para localizar a época do relato.

O efeito de saber, no modo descritivo, pode ser mostrado na seguinte sequência: “*Zacarias, que pertencia ao grupo sacerdotal de Abias; Isabel, sua mulher, também era descendente de Arão*”. Ao identificar Zacarias como pertencente ao grupo sacerdotal de Abias e Isabel à descendência de Arão, o narrador utiliza esse conhecimento para trazer a prova da veracidade de seu relato, buscando fundamentação no Velho Testamento a respeito da liturgia e descendência sacerdotal.

Charaudeau alega que o efeito de confiança procede de uma intervenção explícita ou implícita do descritor, que é levado a exprimir sua apreciação pessoal (2008, p. 141). Este procedimento linguístico assim é identificado: *Ambos eram justos aos olhos de Deus, obedecendo de modo irrepreensível a todos os mandamentos e preceitos do Senhor. Mas eles não tinham filhos, porque Isabel era estéril; e ambos eram de idade avançada.* A conjunção ‘*Mas*’ suscita algumas limitações: esterilidade e velhice.

O enunciador usa o Velho Testamento como pano de fundo, dialogando com a história de Abraão e Sara, pois não tinham filhos porque ela era estéril e, tiveram o filho Isaque na velhice. Essa é uma interligação implícita que pela interdiscursividade traz à memória o concerto de Deus com Abraão, pai de uma nação através de um único filho – Isaque. Nesse quadro, é possível realizar uma leitura de episódios da vida de Abraão e Sara como cenas validadas que se atualizam e fazem reviver a história do povo hebreu. Nesse aspecto, o descritivo dá sentido ao narrativo, e o argumentativo lhe oferece as ligações de causa.

Em Lucas, a cenografia é constituída no discurso como livro histórico, e a medida que o texto se expande, a cenografia vai sendo validada como um livro histórico que contempla os excluídos socialmente. Tal concepção fica evidenciada na expressão: ‘*decidi escrever-te um relato ordenado, ó excelentíssimo Teófilo*’. Nesses termos, o coenunciador Teófilo é a representação dos gentios discriminados por judeus, no início do cristianismo.

Ao narrar os fatos, o evangelista-enunciador tem um público alvo, seu leitor-modelo é composto de gentios cristãos, sendo representados através da figura de Teófilo. O enunciador demonstra, no decorrer do dis-

curso, que os excluídos merecem atenção especial. No início do cristianismo existiam muitas discussões sobre a ideia de exclusividade do evangelho para os judeus, povo escolhido segundo a tradição judaica.

Na cultura hebraica, a situação de esterilidade era humilhante, significando desonra. Através das expressões: *não tinham filhos, Isabel era estéril, ambos eram de idade avançada*, o enunciador enumera atributos considerados desqualificantes para a mulher. Ao mesmo tempo, pela interdiscursividade com a história de Abraão e Sara, sinaliza esperança para os discriminados, o que é confirmado com o seguinte desfecho:

Depois disso, Isabel, sua mulher, engravidou e durante cinco meses não saiu de casa. E ela dizia: "Isto é obra do Senhor! Agora ele olhou para mim favoravelmente, para desfazer a minha humilhação perante o povo" (LUCAS, 1:25).

Lucas destaca a figura de Maria em um contexto histórico em que a mulher era ignorada socialmente. Também, a genealogia montada por Lucas no capítulo 3 mostra a descendência de Maria, que não pertence a linhagem real que se seguiu a Davi. Tais fatos fortalecem a ideia de atenção dada aos discriminados e, através da interdiscursividade é possível essa leitura, pois o cântico de Maria é intertextualizado com o de Ana que era estéril e depois de orar insistentemente Deus lhe concedeu um filho – Samuel – último juiz em Israel.

Sendo a cenografia o lugar enunciativo que engendra o ethos, o livro histórico tem sua produção ligada ao NARRADOR HISTORIADOR. Charaudeau considera que esse narrador implica o leitor enquanto destinatário de uma história contada que este deve receber como representação fiel de uma história real (2008, p.187). Nessa perspectiva, esse historiador organiza a representação da história contada da maneira mais próxima dos fatos da realidade, utilizando arquivos, testemunhas e documentos, tal como mostrado: *conforme nos foram transmitidos por aqueles que desde o início foram testemunhas oculares e servos da palavra. Eu mesmo investiguei tudo cuidadosamente.*

5. Considerações finais

Trabalhar o texto bíblico como *corpus* de análise não é uma prática comum na academia, restringindo-se às instituições no âmbito religioso, em que obviamente, a análise de textos se situa no campo da exegese e da hermenêutica. Considerando que a distribuição de Bíblia se expandiu muito no Brasil, nos últimos anos, possibilitando maior facilidade de

acesso aos seus textos, torna-se produtivo, na área do ensino, uma exploração desse gênero, pois pode estimular o interesse do desenvolvimento da capacidade de interpretação.

A análise do discurso, de base enunciativa, fornece instrumentos de grande valor para penetrar nas profundezas do texto, e oferece chaves que abrem portas para desvendar mistérios escondidos, mas que podem ser revelados através do próprio texto. Vale destacar as contribuições relevantes de Charaudeau e Maingueneau, cada um com sua abordagem instigante para fazer brotar os sentidos dos textos.

Pela construção da cenografia através dos modos de organização do discurso, o ethos se mostra pela força da expressão manifestada por meio de seleção das palavras e sucessão do encadeamento narrativo. Assim, na introdução do livro de Mateus, o ethos engendrado na enunciação delocutiva, com recursos do modo descritivo, é apreendido como o de um Judeu falando aos Judeus, sendo que na introdução do livro de Lucas, modalidades elocutivas como opinião, saber, organização, contribuem para identificação do ethos, no ato enunciativo, o de um Historiador falando aos gentios.

O enunciador em Mateus liga Jesus ao Velho Testamento, de forma explícita através das citações. Em Lucas, a interligação é feita através de implícitos, em que as palavras dialogam com outro tempo em outro lugar. O repertório das cenas validadas, escolhidas pelos enunciadores, permitem uma interdiscursividade que reflete no modo como o ethos é apreendido. Componentes da encenação narrativa contribuem para identificação da maneira pela qual narrador e leitor são significados ao longo da própria narrativa. Nesse sentido, ao mesmo tempo que a narrativa permite a captação do ethos, também concebe a imagem daquele a quem o enunciador se dirige.

O recorte metodológico que delimitou os dois primeiros capítulos de Mateus e Lucas para formação do *corpus* de análise permitiu a possibilidade de comparação entre os dois, e a partir das diferenças que se configuram nos textos, torna-se viável captar a posição discursiva de onde fala o enunciador-evangelista, pelos recursos da constituição da cenografia, do ethos discursivo e dos modos de organização do discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.

BARKER K. (Org.). *Bíblia de estudo NVI*. São Paulo: Vida, 2003.

BERGER, K. *Hermenêutica do Novo Testamento*. São Leopoldo: Sino-dal, 2004.

BÍBLIA Sagrada. Nova versão internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2001.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, D. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. O ethos na análise do discurso. In: _____. *Imagens de si no discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008.